

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE INHUMAS  
CURSO: BACHARELADO EM PSICOLOGIA

MARIA GERALDA ALVES DE OLIVEIRA

**UMA EXPERIÊNCIA DE SUBJETIVIDADE DE CRIANÇAS NEGRAS  
A PARTIR DO CABELO CRESPO: POSSÍVEIS PERCEPÇÕES**

INHUMAS - GO  
2024

MARIA GERALDA ALVES DE OLIVEIRA

**UMA EXPERIÊNCIA DE SUBJETIVIDADE DE CRIANÇAS NEGRAS  
A PARTIR DO CABELO CRESPO: POSSÍVEIS PERCEPÇÕES**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, na Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Inhumas, sob a orientação da Professora Mestra LÍlian Barbosa de Morais.

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

Embasado na Lei Federal nº 9.610, de fevereiro de 1998, e na qualidade de titular dos direitos autorais, AUTORIZO, a Universidade Estadual de Goiás (UEG) a disponibilizar gratuitamente o documento em formato digital no Repositório Institucional da UEG (Ri/UEG), regulamentado pela Resolução CsU nº 1107/2023, sem ressarcimento de direitos autorais, em consonância com a permissão assinada abaixo, para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção científica na UEG, a partir desta data, sendo assegurado o direito ao embargo temporário da publicação em sua totalidade, à exceção dos metadados, norepositório em razão de patente ou publicação de livro e/ou artigo científico.

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

- |   |  |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Monografia (graduação);                      | <input checked="" type="checkbox"/> Artigo científico; |
| <input type="checkbox"/> Relatório técnico;                           | <input type="checkbox"/> Capítulo de livro             |
| <input type="checkbox"/> Plano de negócios;                           | <input type="checkbox"/> Livro                         |
| <input type="checkbox"/> Revisão de literatura;                       | <input type="checkbox"/> Projeto de Software           |
| <input type="checkbox"/> Produto técnico e educacional - Tipo: _____. |  |

Nome completo do autor: Maria Geralda Alves de Oliveira

Matrícula: 22018000594.

Título do trabalho: Uma experiência de subjetividade de crianças negras a partir do cabelo crespo: Possíveis Percepções

Curso / Programa: Psicologia

Câmpus / Unidade / Polo: UEG - Inhumas / GO

Data de defesa: 20/06/2024

### 2. RESTRIÇÕES DE ACESSO AO DOCUMENTO

Os casos de restrição de acesso, previstos em regulamento, poderão ser embargados por um período de até 12 (doze) meses a partir da data de defesa. Havendo justificativa o período poderá ser prorrogado por até 12(doze) meses dependendo de solicitação formal por parte do autor, em formulário específico, e deferimento do pleito pela sua Coordenação de curso.

2.1 O documento está em processo de solicitação de registro de patente?

SIM;  NÃO

2.2 O documento será publicado como capítulo de livro?

SIM;  NÃO

2.3 O documento está em processo de submissão de artigo em revista científica?


( X ) SIM; ( ) NÃO

### 3. DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O(a) referido(a) autor(a) declara que:

- A produção científica especificada é fruto de seu trabalho intelectual de forma original e por isso, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não fere os direitos autorais de terceiros (pessoa ou entidade), tanto quanto lhe é viável saber.
- Existindo material/informação/dado do qual não detém os direitos de autor, assegura que conquistou a autorização do detentor dos direitos de autor para outorgar à Universidade Estadual de Goiás, os direitos requeridos por esta licença, e reitera que os materiais de terceiros estão claramente identificados/citados/referenciados no conteúdo do documento submetido.
- Caso o documento entregue seja baseado em trabalho apoiado ou financiado por outra instituição que não a Universidade Estadual de Goiás, cumpriu todas as exigências do respectivo acordo ou contrato e, portanto, não há embaraço na disponibilização.
- Está ciente do Regulamento do Repositório Institucional da UEG aprovado pela Resolução CsU nº 1107/2023.

Inhumas, 04/07/2024

Documento assinado digitalmente  
 **MARIA GERALDA ALVES DE OLIVEIRA**  
Data: 05/07/2024 12:43:27-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Maria Geralda Alves de Oliveira



---

Lílian Barbosa de Moraes

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UEG  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Oe OLIVEIRA, Maria Geralda Alves de  
Uma experiência de subjetividade de crianças negras  
a partir do cabelo crespo: Possíveis Percepções /  
Maria Geralda Alves de OLIVEIRA; orientador LÍlian  
Barbos de MORAIS. -- Inhumas, 2024.  
18 p.

Graduação - Psicologia -- Unidade de Inhumas,  
Universidade Estadual de Goiás, 2024.

1. raça; negritude; subjetividade; empoderamento;  
cabelo.. I. MORAIS, LÍlian Barbos de , orient. II.  
Título.



CURSO DE PSICOLOGIA

ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 20 dias do mês de junho de 2024, às 18 h, iniciou-se na sala 07 da UEG - Câmpus Metropolitano – UnU Inhumas, a sessão de arguição do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de bacharelado em Psicologia, da(o) acadêmica(o) Maíra Gilda Alves de Oliveira, autor(a) do trabalho intitulado “Uma experiência de subjetividade de crianças negras a partir do cabelo crespo: pomiris pucipotes.”

A Banca Examinadora foi composta pelas/os docentes:

Biliana Barbosa de Moraes

Orientadora/or

Marcela Matheus dos Santos Araújo

Avaliadora/or

Adria Borges F. Perqueira

Avaliadora/or

Às 18h30m h, a Banca Examinadora passou a julgamento, em sessão secreta. Reaberta a sessão, as/os examinadoras/es anunciaram que (o) candidata(o) foi considerada(o):

**Aprovada(o);**

**Aprovada(o) com ressalvas;**

**Reprovada(o).**

A Banca recomenda que, no prazo de 15 (quinze) dias, sejam feitas as seguintes alterações e/ou Adequações:

nota 10,0

Adria Borges F. Perqueira

Avaliadora/or

[Assinatura]

Avaliadora/or

Biliana Barbosa de Moraes

Orientadora/or

MARIA GERALDA ALVES DE OLIVEIRA

**UMA EXPERIÊNCIA DE SUBJETIVIDADE DE CRIANÇAS NEGRAS  
A PARTIR DO CABELO CRESPO: POSSÍVEIS PERCEPÇÕES**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, na Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Inhumas, sob a orientação da Professora Mestra Lílian Barbosa de Moraes.

Aprovado em 20 de Junho de 2024, pela Banca Examinadora constituída pelas professoras:

---

Lílian Barbosa de Moraes - Orientadora  
Professora Mestra  
Universidade Estadual de Goiás

---

Adria Borges Figueira Cerqueira  
Professora Mestra  
Universidade Federal de Goiás

---

Natacha Katiuscia dos Santos Desingrini  
Professora Especialista  
Universidade Estadual de Goiás

Dedico esta pesquisa à criança crespada que eu  
fui e à mulher negra que me percebi  
e estou me tornando.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. SUBJETIVIDADE: MEU CABELO CRESPO .....</b>	<b>13</b>
<b>3. CABELO CRESPO: POSSÍVEIS PERCEPÇÕES .....</b>	<b>16</b>
<b>4. CAMINHOS E ENCONTROS: UMA POSSIBILIDADE DE RESSIGNIFICAR .....</b>	<b>18</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>20</b>
<b>6. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>21</b>

## UMA EXPERIÊNCIA DE SUBJETIVIDADE DE CRIANÇAS NEGRAS A PARTIR DO CABELO CRESPO: POSSÍVEIS PERCEPÇÕES

Maria Geralda Alves de Oliveira<sup>1</sup>

### RESUMO

Com este artigo, busquei investigar possíveis implicações que o cabelo crespo pode desencadear na subjetividade de crianças negras afetando sua autoestima, suas relações interpessoais, suas habilidades sociais e sua saúde mental tendo como hipótese que os negros, em sua subjetividade, são atravessados negativamente por uma sociedade de supremacia branca cujo ideal de beleza é a branquitude e o cabelo liso. Para tanto, fiz uma análise conceitual juntamente com uma pesquisa narrativa amparada qualitativamente sendo direcionada pelas reflexões de Erikson (1968); Foucault (1993; 2011); Moscovici (2011); Fanon (2008); Souza (2021); Berth (2020); Nogueira (2021); Bell Hooks (2005); Gomes (2003; 2006) entre outros. Trouxe ainda a experiência “Encontro dos Crespinhos e das Crespinhas”, culminância do projeto didático “Sou Criança Consciente!” desenvolvido no ano de 2022 com as turmas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental (I) na escola privada Geração Santa na cidade de Goiás. Como principais conclusões, observei que as crianças negras sentem dificuldade em se perceberem possuidoras de cabelo crespo e também como negras sendo necessário ressignificar essas relações. Acredito que esse dilema psicossocial esteja associado às representações sociais de violência que as pessoas negras foram e estão submetidas desde sua chegada ao Brasil. Dessa forma, tal pesquisa trouxe importantes contribuições para que a Psicologia promova uma prática psicológica antirracista visando uma subjetividade fortalecida que seja, de fato, potente e empoderada na vida das pessoas negras desde a infância.

**Palavras-chave:** raça; negritude; subjetividade; empoderamento; cabelo.

### INTRODUÇÃO

O racismo estrutural se configura como uma prática enraizada que cria e sustenta desigualdades sociais nas quais as pessoas são marcadas em relações desiguais envolvendo preconceitos e ações discriminatórias que privilegiam determinados grupos em detrimento de outros (Almeida, 2019). Algo preocupante é que nem sempre a prática excludente do racismo acontece de forma consciente e explícita. É dado que esse fenômeno se faz presente, de forma

---

<sup>1</sup> OLIVEIRA, Maria Geralda Alves de Oliveira; Graduada em Letras-Português/Inglês pela Universidade Estadual de Goiás. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, pela Faculdade Delta (FD); especialista em Docência Universitária; Linguagem, Cultura e Ensino ambas pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) e graduanda em Psicologia, também pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Atualmente, é gestora da Escola Geração Santa, na cidade de Goiás (GO). E-mail: alvesoliveira.mg@gmail.com

velada, nas relações sociais, políticas, econômicas, culturais e interpessoais podendo ser profundamente sentido por aqueles e aquelas que são alvos de atos de violência por causa da cor da pele, dos traços físicos ou da textura do cabelo causando assim implicações em sua subjetividade.

Nesse sentido, quero lembrar das desvantagens históricas que as pessoas negras enfrentam e pontuar que, a pouco tempo, a luta antirracista tem alcançado mais visibilidade ao se posicionar contra normas, leis e crenças que fomentam os distanciamentos sociais. Contudo, as práticas de supremacia branca nem sempre são questionadas, pois veiculam, o mito da democracia racial e divulgam, de forma mascarada, que o racismo não existe no Brasil, país cuja maioria da população é negra. Assim, desigualdades étnico-raciais, sobretudo, quando se trata da etnia negra, ainda se cristalizam na contemporaneidade por meio das diferentes formas de racismo. Em tal contexto, pode-se dizer que não há espaço para o cabelo crespo e para uma subjetividade cujo jeito de ser resista às relações de poder e às formas de dominação eurocêntrica.

Diante disso, considero importante justificar que a escolha temática desse artigo está associada à minha relação com meu cabelo crespo e com uma experiência didática envolvendo outras crianças e seus cabelos crespos. A experiência a que me refiro foi um projeto realizado por meio de mim com alunos e alunas de três a dez anos de uma escola particular. E ao perceber que é comum haver uma negação do cabelo crespo e de sua negritude por parte das crianças, algo que também aconteceu comigo em minha infância, senti o desejo de pesquisar na graduação em Psicologia e em outras áreas do conhecimento como está sendo investigada essa questão a fim de que tais relações não passem despercebidas, mas sejam vistas com o cuidado de que necessitam.

Isso porque, ainda na tenra infância, no seio familiar, minha relação, com meu cabelo crespo, foi marcada pelo racismo. Em decorrência, sofrimentos emocionais atravessaram minha subjetividade e, mais tarde, na adolescência e na idade adulta, necessitei de intervenções psicológicas para que os traumas fossem superados e minha história alcançasse contornos de empoderamento e protagonismo ao me reconhecer como mulher de ancestralidade negra.

Para contribuir com essa reflexão, considero importante trazer os apontamentos de Erik H. Erikson que fundou a teoria do desenvolvimento psicossocial e, especificadamente, na obra *Identidade, Juventude e Crise* (1968), ensina-nos sobre o desenvolvimento humano, com foco na adolescência e na formação da identidade. Dando sequência, abordo o conceito de subjetividade na perspectiva de Foucault (1993; 2011) o qual nos indica que a subjetividade se

constitui de um processo dinâmico e histórico cujas relações de poder e saber, por meio do discurso, moldam e direcionam as relações do sujeito com o mundo e consigo mesmo. Também considero importante trazer as ponderações de Moscovici (2011) segundo o qual as representações sociais são sistemas cognitivos compartilhados que nos levam a interpretar o mundo social partindo de construções moldadas pelas normas do grupo a que pertencemos. Estudar as representações sociais nos possibilita entender como o significado do mundo social é construído e como esse significado molda pensamentos, sentimentos e comportamentos.

E para tecer um olhar mais profundo para as questões identitárias e negritude, as referências técnicas do Conselho Federal de Psicologia sobre atendimentos para racismos (2017) e outros autores compõem o aporte teórico dessa pesquisa. Souza (2021) fala sobre as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social e sobre o processo de enegrecimento como um vir a ser e não como uma condição nos dada a priori. Nos estudos de Berth (2020), há um olhar voltado para a estética e a afetividade visando o empoderamento de mulheres negras a partir de estratégias que buscam superar padrões excludentes desestimuladores da autoestima de grupos historicamente oprimidos.

Com os postulados de Nogueira (2021), contemplei as significações do corpo negro numa dimensão subjetiva e sociocultural em que o sofrimento psicológico se apresenta como uma das mais dolorosas marcas do racismo. Em Gomes (2003; 2006), trouxe um olhar voltado para a formação de professores numa perspectiva de raça/etnia e vemos o cabelo como veículo de expressão e símbolo de resistência cultural. Nas inquietações levantadas por Bell Hooks (2005), observei ponderações sobre cabelo e mulheres negras verificando como as habilidades sociais podem ser afetadas. Já com Frantz Fanon (2008), na obra "Peles Negras, Mascaras Brancas" fiz uma análise dos impactos psicológicos que uma sociedade colonial e racista imprime sobre a negritude. Para ele, os adoecimentos psíquicos não podem ser compreendidos apenas como questões individuais, mas sim como consequências da alienação e da desumanização impostas ao negro pela estrutura social opressora.

Acredito que tal pesquisa narrativa e bibliográfica, de cunho qualitativo, será relevante para a literatura científica haja vista que estudar, por meio das teorias já desenvolvidas, as implicações que o cabelo crespo pode desencadear na subjetividade de crianças negras trará uma importante contribuição para a Psicologia assumir um posicionamento político encampando na luta antirracista. Observo aqui que durante muito tempo a Psicologia ficou presa às psicopatologias, mas está despertando para as questões sociais. Portanto, o presente artigo possibilita uma análise, na perspectiva social, dos impactos do racismo na subjetividade e seus desdobramentos no psiquismo objetivando se consolidar uma atuação psicológica que

considere o sujeito em suas dimensões biopsicossociais e lhe promova, desde a infância, saúde mental e bem-estar ao fortalecer sua autoestima na construção da subjetividade negra.

## **SUBJETIVIDADE: MEU CABELO CRESPO**

Início este texto enfatizando que meu interesse em investigar os sentidos ancorados nas representações e significações do corpo negro (Nogueira, 2021) está diretamente ligado aos desdobramentos marcados negativamente constituídos em minha subjetividade por não me encaixar, socialmente, a um padrão de beleza hegemonicamente pré-estabelecido em virtude de meu cabelo crespo. Assim, logo no começo da adolescência, fase de muitos percalços e crise entorno de nossa identidade, por estarmos preocupados com o que possamos parecer aos olhos dos outros em comparação com o que julgamos ser (Erikson, 1968), submeti-me à prática de alisar o cabelo para que o meio social do qual eu pertencia me aceitasse como branca e com um cabelo considerado normal.

Nisso, mostra-se o que Cerqueira e Santos (2018) dizem:

As crianças estabelecem relações com os fatos vivenciados em seu cotidiano a partir das análises que fazem o sobre o comportamento dos adultos. A relação que a criança estabelece com o meio não acontece no vazio, todo esse processo de construção recebe influência de outras pessoas, sobretudo dos adultos de referência que fazem parte de seu cotidiano (Cerqueira; Santos, 2018, p. 17).

Sabendo dessa influência, é que precisamos nos atentar para as práticas sociais que cercam as crianças as quais estão a todo instante interagindo com os espaços dos quais participam e se fundindo enquanto sujeitos. Moscovici (2011, p. 48) ressalta que “nossas coletividades hoje não poderiam funcionar se não criassem representações sociais baseadas no tronco das teorias e ideologias que elas transformam em realidades compartilhadas”. Segundo o autor, são as interações entre pessoas que pensamentos, valores e atitudes são produzidos e propagados.

Dialogando com essa perspectiva, para Foucault (1993), a subjetividade vai se construindo e sendo constitutiva num processo histórico, ao longo da vida do sujeito, por meio de práticas que sinalizam como devemos agir cabendo a cada um resistir ou se submeter aos valores e discursos dominantes. As experiências, os fatores que influenciam as preferências, os encontros e desencontros que marcam nossa história, as mudanças sociais das quais participamos e os desafios cotidianos enfrentados são fatores que produzem subjetividade.

Trata-se de reforços nas constituições de sujeitos e mecanismos de poder e de vontade de poder que atravessam cada um/a (Foucault, 1993) e são centrais na forma como as relações de poder se configuram na sociedade e moldam a subjetividade. Portanto, compreender como agem e operam as relações de poder tanto na sociedade quanto em nossa subjetividade é fundamental para questionarmos as práticas cristalizadas e buscarmos mecanismos de resistência e emancipação frente às concepções, aos conhecimentos e aos saberes que moldam nossas percepções do mundo.

Dito isso, vale lembrar que, ao longo da história, as subjetividades de pessoas negras têm sido forjadas em meio a muitas lutas e perseguições cabendo a cada um se fortalecer, às vezes por conta própria, outras vezes contando com movimentos sociais como o movimento negro, para resistir às agruras da vida e perceber que “saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas expectativas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas” (Souza, 2021, p. 46). Nesse contexto, enfatizo que na sociedade brasileira, ainda é necessário um esforço para se conscientizar de que o racismo existe e opera nas relações. Sobre tal impasse Fanon (2008) é categórico ao afirmar que uma sociedade é ou não é racista e enquanto ignorarmos tal preposição, deixaremos de lado e fecharemos os olhos para muitos problemas.

E para alcançarmos uma postura de resistência frente à violência racista que busca destruir a identidade do sujeito negro (Gomes, 2006), precisamos ter um posicionamento crítico mediante os mecanismos de poder e da vontade de poder tomando consciência de que tais tecnologias existem e regem as relações em todos os níveis da sociedade para produzir, transformar e manipular coisas. (Foucault, 1993). Faz-se necessário ainda refletirmos sobre o suporte psicológico necessário para percebermos nossa potência negra e sermos capazes de buscar formas de resistência contra os efeitos do racismo em nossa subjetividade e, em consequência, em nossa saúde mental. Isso porque,

No Brasil, o racismo, a discriminação e o preconceito racial que incidem sobre os negros ocorrem não somente em decorrência de um pertencimento étnico expresso na vida, nos costumes, nas tradições e na história desse grupo, mas pela conjugação desse pertencimento com a presença de sinais diacríticos, inscritos no corpo. Esses sinais remetem a uma ancestralidade negra e africana que se deseja ocultar e/ou negar. Além disso, são vistos como marcas de inferioridade. A presença desses sinais é rejeitada pelo ideal do branqueamento e tratada de maneira eufemística no mito da democracia racial (Gomes, 2006, p. 33).

Durante muitos anos, sofri emocionalmente e procurei me encaixar aos discursos sobre o tipo ideal de cabelo. A química colocada no cabelo e o procedimento para alisar era algo que eu procurava resistir, primeiro por causa do valor dispendioso que nem sempre eu tinha, depois pelo tempo de horas que envolvia tal ritual. Contudo, não conseguia resistir por muito tempo sem alisá-lo, pois logo começava a ouvir as pessoas fazendo piadas envolvendo o volume que meu cabelo ficava quando passado do tempo de alisar, o que afetava diretamente em uma distorção negativa de minha própria imagem e em sentimentos desagradáveis.

Somado a isso, ainda havia os comentários falando sobre o quanto o cabelo crespo dá trabalho para cuidar na correria dia a dia e que bom mesmo era ter o cabelo bem liso e esticado. Esses eram os argumentos de que eu, inconscientemente, necessitava para logo recorrer à prática de alisar o cabelo mesmo que para tal envolvesse o sacrifício de recursos econômicos para alcançar a autoaceitação e garantir uma autoestima, supostamente, elevada diante dos comentários racistas. Nesse ponto, Hooks (2005) nos coloca que o patriarcado capitalista, contexto social e político em que surge o costume entre os negros de alisar o cabelo, faz com que a postura de alisar o cabelo seja mais que um ritual. Tal prática seria a materialização do desejo de imitar a aparência do grupo dominante indicando um racismo interiorizado somado a uma baixa autoestima. Ainda posso dizer que a ritualística de alisar o cabelo envolve sentidos e representações sociais a partir da insegurança e dos desconfortos emocionais de mulheres negras a respeito de seu valor numa sociedade de supremacia branca.

Nesse quesito, gostaria de partilhar que meu processo de enegrecimento é muitorecente. Como não tenho pele de cor retinta, somente em 2020, quase aos quarenta anos de idade, me percebo como mulher negra e possuidora de uma ancestralidade africana. Sobre tal descoberta, Souza (2021, p. 115) nos chama a atenção ao pontuar que “ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro.” Desse modo, eu não me percebia como negra de nascença, mas eu tornei-me negra e isso constituiu um novo olhar definidor da minha natureza negra. O natural, portanto, não é um a priori, mas um efeito das atribuições de sentido que foram dadas a minha condição natural.

Tal forma de perceber tem me transformado profundamente e ressignificado minhas relações com o mundo e comigo mesma, empoderando não somente meus cabelos crespos, mas minha voz e minha identidade numa sociedade de supremacia branca, marcada pelo anulamento da história e das próprias pessoas pretas (Souza, 2021). O que me faz acreditar que ao se ter uma prática problematizadora antirracista, pautada numa psicologia crítica contemplando questões de negritude, teremos subsídios necessários para ações visando promover a Psicologia como espaço de inclusão social e de empoderamento a partir de

experiências de subjetividade envolvendo crianças negras e o cabelo crespo bem como nos orienta o Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2017) em suas referências técnicas para a atuação de psicólogos contemplando as relações raciais.

Aqui se faz necessário perguntar: É possível constituir a Psicologia como uma área fundamentada na produção de conhecimento e no enfrentamento do racismo para se investigar as implicações que o cabelo crespo imprime na subjetividade de crianças negras tendo em vista que vivemos em uma sociedade extremamente racista cujo ideal imposto a ser alcançado é o da branquitude? Partindo dessa pergunta, é possível ainda pensarmos um fazer psicológico em que as identidades múltiplas, especificamente, as identidades raciais sejam consideradas a partir da experiência com o cabelo crespo?

Mediante um fazer comprometido com mudanças psicossociais, o código de Ética Profissional do Psicólogo, publicado pelo Conselho Federal de Psicologia (Brasil, 2014) nos traz que,

A/O psicóloga/o trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Código de Ética Profissional do Psicólogo, Princípio Fundamental II).

Comprometer-nos com um fazer psicológico antirracista se faz urgente e necessário haja vista os sofrimentos psíquicos e emocionais oriundos dessa relação desigual refletidos ao longo da vida de todo ser humano que é exposto a tais danos. Aqui faço um convite para pensarmos sobre a saúde mental das pessoas negras observando haver mecanismos que direcionam nosso ser e estar no mundo e, conseqüentemente, levam-nos a determinados posicionamentos nas relações (Foucault, 1993).

## **CABELO CRESPO: POSSÍVEIS PERCEPÇÕES**

O cabelo crespo tem sido percebido, nas relações sociais (sem isentar o contexto familiar, ou ainda, abarcando impreterivelmente o contexto familiar), de forma pejorativa como sinônimo de algo ruim (Gomes, 2006) feio e indesejável por ter volume, por dar muito trabalho para cuidar e exigir um maior investimento de produtos que venham “domá-lo”, ou seja, alisá-lo. Sobre esses empreendimentos estéticos, Hooks (2005) menciona que o fato de haver uma busca coletiva para se ter o cabelo liso reflete, psicologicamente, como a opressão e o impacto da colonização racista se impõem sobre uma escolha individual de como usar o

próprio cabelo, bem como afeta o grau de autoamor e também de autonegação por parte das pessoas negras.

Desse modo, podemos ter, ainda no seio familiar, o início de nossos sofrimentos psíquicos marcados pelo racismo (Fanon, 2008) em torno da autoestima e de afetos negativos, inscrevendo assim, uma subjetividade fragilizada, atravessada pelo sentimento de inferioridade em relação às pessoas brancas por termos um cabelo crespo. Tal comportamento tem sua origem nas representações sociais da beleza eurocêntrica que coloca a branquitude (identidade racial da pessoa de pele branca) como um desejo a ser alcançado mesmo que seja alisando o cabelo para se aproximar do padrão “bom” e aceitável. Nesse sentido, ousa dizer que a forma como a pessoa se vê e se comporta a partir do cabelo crespo “corporificam ideias em experiências coletivas e interações em comportamento” (Moscovici, 2011, p. 48).

Outrossim, teremos grande dificuldade em nos identificarmos positivamente com a negritude e reconhecermos nosso cabelo crespo haja vista que, em nossa sociedade, às pessoas negras está reservado um espaço de opressão, preconceitos raciais, fealdade e desqualificação estética (Berth, 2020). O que implica diretamente na forma como nos sentimos e nos vemos desde criança se estendendo para a juventude e a idade adulta, pois o cabelo é considerado um dos principais símbolos de beleza em uma cultura.

Vale lembrar que na adolescência os sofrimentos psíquicos se tornam ainda maiores devido estarmos numa fase de profundas mudanças físicas, psicológicas e sociais vivenciando um processo desafiador pela busca da identidade. Erikson (1968) nos ensina que a crise pela busca da identidade se torna mais intensa, se ao jovem estiverem associados fatores como dificuldades econômicas, problemas familiares e traumas. Somado a esses marcadores sociais, acrescento que questões entorno do preconceito racial e suas implicações na subjetividade podem se tornar intransponíveis causando adoecimentos psíquicos.

Sobre a saúde mental da população negra, Fanon (2008) traz que as pessoas negras sofrem um processo de desumanização, sendo vistas como objetos ou animais, o que causa profundo sofrimento psíquico. Corroborando com tal percepção, Souza (2021) ainda coloca que o racismo provoca efeitos traumáticos adoecedores. Baixa autoestima, autodepreciação, timidez, sentimento de inferioridade e de inveja, insegurança, angústia, estresse, ansiedade e depressão seriam alguns desses efeitos. Em vista disso, é importante “pensar como negros e brancos se relacionam em nosso país, não só na esfera das racionalidades, mas das emoções” (Gomes, 2006, p. 32) para termos um olhar cuidadoso sobre as barreiras criadas com o objetivo de que as minorias permaneçam numa condição subalternizada e o racismo continue a se propagar diariamente pelos processos de opressão.

Portanto, é com o desejo inquietante de percorrer caminhos acerca dessa discussão que compartilho a seguir a experiência do projeto didático “Sou Criança Consciente!” que contou com uma fundamentação na Psicologia, incluindo, categorias e conceitos para contribuir com a perspectiva educacional. Dessa forma, as reflexões aqui levantadas sinalizam possibilidades de intervenção a fim de que, não somente os aspectos de aprendizagem sejam considerados no ambiente escolar, mas também os aspectos subjetivos no que diz respeito a crianças negras virem a se identificar com seus cabelos crespos e também com a cor de suas peles num processo de enegrecimento (Souza, 2021). Sobre o ambiente escolar, Gomes (2006, p. 211) ainda nos sinaliza que ao adentrar o interior do espaço escolar, a criança negra se depara com determinadas representações não positivas do que é ser negro e ao invés de haver discussões para problematizar essas práticas, na maioria das vezes, impera o silenciamento e a invisibilidade da questão racial. Considerando essa constatação, posso dizer que, na escola, a criança negra precisa ser acolhida e conduzida de forma emancipatória por meio de ações que resgatem e valorizem a cultura e a história africana como fonte de força, resistência e identidade ressignificando sua relação com seu corpo, com seu cabelo e com sua própria subjetividade.

### **CAMINHOS E ENCONTROS: UMA POSSIBILIDADE DE RESSIGNIFICAR**

É por perceber, em outras crianças, as mesmas angústias e sofrimento psicológico que outrora me marcaram, na infância e ao longo da vida, por ter um cabelo crespo que me propus a elaborar a experiência didática descrita a seguir e as análises tecidas a partir dela. Por ter a esperança de que, a muitas mãos, podemos fomentar um fazer psicológico cujos saberes estejam comprometidos com uma conscientização que inspira o empoderamento de grupos oprimidos (Freire, 1980 apud Berth, 2020) é que me propus a compartilhar o resultante dessa experiência.

Assim, nos dias quatorze e quinze de dezembro de dois mil e vinte e dois, no espaço da Escola Geração Santa, foi realizado o Encontro dos Crespinhos e das Crespinhas como culminância das atividades desenvolvidas por meio do projeto didático “Sou Criança Consciente!” o qual foi realizado ao longo do último bimestre do presente ano letivo. Tal projeto foi uma iniciativa minha, juntamente com a equipe pedagógica, para abordarmos, numa perspectiva psicológica, questões de empoderamento, negritude e cabelo com o intuito de investigar se as crianças negras se identificam ou não como possuidoras de cabelos crespos

e com a própria negritude (Souza, 2021), bem como as possíveis implicações que isso acarreta em sua subjetividade (Nogueira, 2021).

A materialização do projeto contou com as contribuições da militância do movimento negro da Cidade de Goiás, em parceria comigo, Maria Geralda Alves de Oliveira, concluinte do curso de Psicologia, gestora e coordenadora da escola. Assim, planejamos momentos de estudos, oficinas e orientações à equipe pedagógica para lhe fornecer subsídios teórico-metodológicos sob a perspectiva de uma psicologia antirracista que contribua para a efetiva igualdade racial (CFP, 2017). Com os estudos teóricos, as professoras puderam compreender, como bem nos coloca Gomes (2003, p.169), “a importância da articulação entre cultura, identidade negra e educação. Uma articulação que se dá nos processos educativos escolares e não-escolares.”

Depois desses passos, toda a equipe escolar se reuniu e elencou os temas e os objetivos que seriam contemplados tendo em vista as peculiaridades de cada turma. Eu e as professoras ficamos responsáveis em estruturar teoricamente o projeto. Dentre as temáticas escolhidas para nos dar suporte, as principais foram: a beleza de todos os tipos de cabelos e de cor da pele; o legado étnico cultural das tranças e dos penteados afro, o protagonismo de pessoas negras em literaturas infanto-juvenis.

No decorrer do projeto “Sou Criança Consciente!”, inicialmente observamos, por meio dos discursos oriundos das atividades propostas, que mesmo as crianças negras não se identificavam como negras e nem possuidoras de cabelo crespo. Havia uma negação manifesta, inconscientemente, percebida por meio dos desenhos, de relatos orais e das autodescrições ao terem que retratar a si mesmas. No caso das meninas, com idade em torno dos nove anos, percebemos que já era comum as mães alisarem seus cabelos submetendo-as a procedimentos químicos e usos de chapinha. Já aos meninos, restava tosquiá-los completamente a fim de negar a textura crespa de seus fios. Tendo um olhar sensível para esses dilemas subjetivos, acredito que

Nossos cabelos tornam-se, desde muito cedo, um fardo difícil que, ao longo de nosso crescimento e desenvolvimento físico, vai pesando cada vez mais e abala a percepção de nossa identidade, pois independente de nossas escolhas estéticas e dos cuidados que temos com eles, os preconceitos raciais, estereótipos e clichês que foram implantados com a finalidade de ridicularizar esse atributo permanecem solidificados no senso comum da opinião pública e necessitam de um árduo trabalho de ressignificação para libertar mulheres negras dessas estratégias de desqualificação da estética negra. Parecem-nos, então, muito coerentes os discursos e narrativas de enfrentamento do racismo vigente, que exaltam os cabelos como elemento de orgulho racial, pois amá-los significa cuspir de volta para a boca do

sistema racista todas as ofensas, rejeições, exclusões que nos são direcionadas ao longo de toda uma vida (Berth, 2020, p.116 e 117).

Em vista do sofrimento psíquico que o cabelo crespo traz desde a infância, por serem muito pequenas, por não conseguirem e também por não serem ensinadas a cuidar de seus fios pelo toque dos afetos positivos, sendo muitas vezes, submetidas a maus tratos, o caminho percorrido para a aplicação do projeto didático “Sou Criança Consciente!” foi traçado, cuidadosamente, selecionando ações de autoamor e reconhecimento para que as crianças se identifiquem positivamente com os cabelos crespos e com a cor de suas peles.

Assim, no Encontro dos Crespinhos e das Crespinhas, realizado por toda a equipe pedagógica da Escola Geração Santa e integrantes da militância negra da Cidade de Goiás, os alunos e alunas tiveram a oportunidade de participar de uma contação de histórias em que as personagens negras eram protagonistas com seus cabelos crespos empoderados. Além disso, participaram de um desfile para apresentarem os penteados elaborados numa oficina de beleza na qual, tanto os meninos quanto as meninas, puderam escolher o próprio design de seus fios revelando aí o início de uma “identificação positiva com [os cabelos crespos e] com anegritude, algo que o racismo, estrategicamente, tenta destruir” (Souza, 2021, p.19) para continuar impondo os paradigmas subjetivos de uma sociedade cuja supremacia branca se mantém nas macros e microrrelações de poder (Foucault, 2011).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tendo em vista o cabelo ser um fator fundamental na construção da autoestima e da identidade de todas as pessoas, o estudo sobre negritude, cabelo crespo e empoderamento apontou possibilidades para que os sentidos atribuídos ao corpo negro fossem ressignificados positivamente. Com isso, posso dizer que é possível promover espaços e condições para que os sofrimentos psíquicos, em virtude de práticas racistas, sejam amenizados e superados tanto em crianças quanto em adultos.

E, para sinalizar que a subjetividade de crianças com cabelos crespos pode ser percebida pela Psicologia e percorrer um processo de ressignificação no âmbito escolar, que além de contemplar o conhecimento científico é, por excelência, o espaço social para se mobilizar relações humanas pautadas no respeito à diversidade visando a inclusão, eu trouxe a experiência do Projeto “Sou Criança Consciente!” cuja culminância foi o Encontro dos Crespinhos e das Crespinhas ambos desenvolvidos pela Escola Geração Santa. Assim, compartilhei as conquistas alcançadas ao oportunizar que crianças negras tivessem um olhar

mais sensível e humano sobre si mesmas e sobre o outro ao perceberem seus corpos pelo prisma da afetuosidade.

Em vista das considerações expostas, percebi que, na escola, faz-se necessário estabelecer um diálogo teórico e prático começando com a formação de professoras/es a fim de articular uma interface possível entre Psicologia, Educação e o empoderamento de grupos socialmente oprimidos. Esse seria um dos caminhos para que ações psicoeducativas contribuam para uma subjetividade fortalecida que seja, de fato, potente e empoderada na vida de todas as pessoas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural** / Silvio Luiz de Almeida. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)

BERTH, Joice. **Empoderamento** / Joice Berth. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2020. 176 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)

BRASIL. Conselho Federal de Psicologia. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília, DF: CFP, 2014. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Co%CC%81digo-de-%C3%89tica.pdf/> Acesso aos 14 abr. 2024

CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira; SANTOS, Adail Silva Pereira dos Santos. **Representações sociais da infância e criança: da incompletude social à (re) construção social do sujeito de direitos**. In: Reflexões em Psicologia e Educação: Diálogos Contemporâneos / Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (organizadora) – Curitiba: CRV, 2018, p. 17-35

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Relações Raciais: Referências Técnicas para atuação de psicólogas/os**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2017.

ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1968.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins e fontes, 2011

FOUCAULT, Michel. Verdade e subjectividade (Howisin Lectures). **Revista de Comunicação e Linguagem**. N. 19. Lisboa: Edições Cosmos, 1993, p.203-223

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo horizonte: Autêntica, 2006. 416p. – (Cultura negra e identidades)

HOOKS, Bell. **Revista Gazeta de Cuba** – Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Retirado do blog coletivomarias.blogspot.com/.../alisando-o-nossocabelo.html; Disponível em: <https://www.geledes.org.br/alizando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/> Acesso aos 28abril.2023

MOSCOVITH, Serge. **Representações Sociais**: investigação em Psicologia Social, RJ: Vozes, 2011.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A cor do inconsciente**: Significações do Corpo Negro. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2021.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.